

GANIMEDES

O DECISIVO NÃO-SABER

Sérgio Alcides*

“Ganimedes” manifesta a permanência da pastoral na poesia moderna. Em onze quadras versificadas com elegância clássica, o poema se dispõe mansamente em torno do leitor, sem violar a prescrição do “estilo simples”, a expressão em conformidade com uma natureza bem-ordenada e aprazível – mas apenas para arrebatá-lo até a contemplação perplexa de difíceis questões sobre o amor, a paixão e o sexo, assim como de seu próprio desamparo, sem esperança de uma explicação. O que é da condição humana: pode ser que os deuses tampouco detenham a verdade, mas não parece que dela também necessitem.

Trata-se do poema que fecha o livro *Peregrinatio ad loca infecta*, de 1969. É o único reservado para o “Epílogo altamente filosófico” dessa coletânea de um Jorge de Sena estrangeirado, que chegava aos 50 anos e via sua existência, como Camões, “pelo mundo em pedaços repartida”. Em contraste com as seções anteriores, organizadas por lugares infectados pelo exílio ou por impossíveis regressos (Brasil, Estados Unidos, Portugal, Europa), esta, final, retorna à perene paisagem sem memória, só da poesia, que o exilado leva consigo.

O andamento iâmbico é fluente como o rio junto do qual se acha o pastor que toca sua flauta, à sombra tópica de uma árvore, enquanto apascenta seu rebanho. O gado são pensamentos – a exemplo daquele que pasta na *Arcádia* de Philip Sidney (II, 3), que Sena quis indicar entre as epígrafes selecionadas para o “Epílogo”, em passagem por ele mesmo traduzida: “Meu gado é pensamentos, a que eu guio e sirvo: / Seu pasto os doces montes de um Amor sem fruto”. A tradução ecoa Alberto Caeiro: “Sou um guardador de

rebanhos. / O rebanho é os meus pensamentos / E os meus pensamentos são todos sensações” (*O guardador de rebanhos IX*).

É nesse papel arcádico que agora reencontramos Ganimedes, o príncipe troiano citado por Homero como “o mais bonito dos mortais” (*Ilíada XX*, 233-5). O jovem despertara a paixão de Zeus, que se transforma em águia a fim de raptá-lo e possuí-lo. Mas, deixando de citar Caeiro, Sena evita o tema pessoano do entrelaçamento do pensar e do sentir. Logo o leitor verá o que mais interessa ao deus abduzir: o corpo do pastor, em êxtase, é levado aos céus; seus pensamentos ficam dispersos, em susto, na terra. É cancelada assim a interpretação “moralizada” desse mito homoerótico, cristã, segundo a qual o rapaz personificaria a alma tomada pelo *furor divinus*, em ascensão extática.

O poema articula-se num tríptico. As três primeiras estrofes apresentam a situação bucólica: o *locus amoenus*, o nítido retrato do pastor encostado à sombra de uma árvore, a dança de seus dedos sobre a flauta: “Quase é silêncio a curta melodia”. As cinco seguintes narram com vividez cinematográfica a aproximação da águia, a abdução e o ato sexual aéreo, tudo percebido pelo leitor de modo abrupto e momentâneo, apesar da maior extensão do trecho. Por fim, vêm três quadras interrogativas – que dardejам sobre a consciência leitora uma sequência de perguntas acerbas, extrapolando as fontes míticas, até a afirmação final de uma ignorância irreduzível: “Só isto – o decisivo – não sabemos”.

Entreligando as partes, um mosaico sutil de cores em oposição realça os contrastes narrados: a verdura da terra e o “vítreo azul” do céu; o “ponto negro” da ave, ao surgir lá no alto, e os “pontos brancos” do rebanho perdido, “lá em baixo”; a negridão das asas abductoras e, antes, a brancura que pende entre as ancas do menino, no lugar do sexo. Sem contraposição, na oitava quadra, o tom encarnado do crepúsculo realiza atmosférica e eroticamente o dos “sanguíneos olhos” do bicho, no momento em que ásperas aliteraões introduzem a penetração: “(...) um resplendor de carne que é o do céu em volta, / e que o rodeia e rasga de um calor ardente / em

que seu corpo avança como um róseo dardo”. A seca aspiração dos *rr* entre *dd* e *pp* realiza na pele do texto o avanço evocado às avessas, em que o corpo de Ganimedes, rasgado, entra em ardência e enrubesce.

Antes, o simples “lá em baixo” informava ao leitor que ele também subira junto com a presa de Zeus, inevitavelmente, e do alto podia, na posição de Ganimedes, avistar o que este deixara em solo, inclusive a flauta, “que entre a verdura mal se vê, perdida”. É nessa altura que o poema nos confronta com as dúvidas fundamentais: “quem avança em quem?” “quem é senhor de quem?” era destino ou foi acaso? o que foi feito do rebanho, dos cuidados da vida comum? “e o corpo do pastor, que pensa agora?”

Não são perguntas retóricas, que ocultam em si respostas banais. Seu efeito poético – amplificando o episódio sublime que o leitor testemunha e vivencia – é erguer na leitura o não-saber constitutivamente humano, de “quem muito viu” e mesmo assim “não sabe nada”.

* Professor da Faculdade de Letras da UFMG. Doutor em História (USP). Autor de *Armadilha para Ana Cristina e outros textos sobre poesia contemporânea* (Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2016).